

Rota das trilhas: desenvolvimento social e econômico por meio do turismo rural

Trail route: social and economic development through rural tourism

Matheus Ceolin Marques Queiroz¹
Ariane Fernandes da Conceição²
Aline de Oliveira Matoso³
Luci Aparecida Souza Borges Faria⁴

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo mapear e analisar rotas de trilhas para ciclistas, turistas e agricultores familiares da região do Pontal do Triângulo, em especial o município de Iturama/MG, possibilitando gerar desenvolvimento para a região, principalmente para pequenos produtores. Para essa atividade, buscou-se realizar um diagnóstico da região, catalogando pontos chave e possíveis novos pontos comerciais (artesanato, alimentação, atividades de lazer e outras diversas) para a criação e implementação de rotas de trilhas rurais, a fim de proporcionar um fortalecimento tanto do turismo rural, quanto da ação comunitária em prol do desenvolvimento rural. As ações foram realizadas por meio de visitas às possíveis rotas que poderão ser institucionalizadas, em parceria com a Prefeitura Municipal via Secretaria de Turismo. Parte-se do princípio que este trabalho colabore com o processo de desenvolvimento da região, atuando junto aos agricultores e suas famílias, turistas e sociedade como um todo, proporcionando novas formas de lazer e atividades na região, colaborando de forma efetiva com a revitalização histórica, cultural e patrimonial, além de aprimorar os conceitos de cidadania, meio ambiente e, sobretudo incentivar o desenvolvimento local.

Palavras-chave: Turismo rural. Agricultura familiar. Desenvolvimento rural sustentável. Trilha.

¹ Graduado em Agronomia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil / Graduate in Agronomy, Federal University of Triângulo Mineiro, State of Minas Gerais, Brazil (d201710603@uftm.edu.br).

² Doutora em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, com período sanduíche em Lancaster University, Reino Unido; estágio pós-doutoral em Extensão Rural na Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, Brasil; professora adjunta da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Campus Uberaba, Minas Gerais, Brasil; membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural (GEPAD) / PhD in Rural Development, Federal University of Rio Grande do Sul, State of Rio Grande do Sul, Brazil, with a sandwich period at Lancaster University, United Kingdom; post-doctoral internship in Rural Extension at the Federal University of Viçosa, State of Minas Gerais, Brazil; associate professor at the Federal University of Triângulo Mineiro, Campus Uberaba, State of Minas Gerais, Brazil; member of the Study and Research Group on Family Agriculture and Rural Development (GEPAD) (arianeeuzinha@yahoo.com.br).

³ Doutorado em Agronomia (Agricultura) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, Brasil; professora adjunta da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Campus Iturama, Minas Gerais, Brasil / PhD in Agronomy (Agriculture), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, State of São Paulo, Brazil; assistant professor at the Federal University of Triângulo Mineiro, Iturama campus, State of Minas Gerais, Brazil (aline.matoso@uftm.edu.br).

⁴ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil; professora da Faculdade Aldete Maria Alves (Fama); pedagoga na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Minas Gerais, Brasil / PhD in Education, Federal University of Uberlândia, State of Minas Gerais, Brazil; professor at Faculdade Aldete Maria Alves (Fama), Minas Gerais, Brazil; teacher at the Federal University of Triângulo Mineiro, State of Minas Gerais, Brazil (luci.faria@uftm.edu.br).

ABSTRACT

This work aims to map and analyze trail routes for cyclists, tourists and family members in the Pontal do Triângulo region, particularly the municipality of Iturama, State of Minas Gerais, Brazil allowing to generate development for the region, mainly for small producers. For this activity, an attempt was made to carry out a diagnosis of the region, cataloging key points and possible new commercial points (handicrafts, food, leisure activities and various others) for the creation and implementation of rural trails itineraries, in order to provide a strengthening both rural tourism and community action in favor of rural development. The actions were carried out through visits to possible scales that could be institutionalized, in partnership with the City Hall via the Tourism Secretariat. It is assumed that such work collaborates with the development process of the region, as it was done close to farmers and their families, tourists and society as a whole, providing new forms of leisure and activities in the region, effectively collaborating with the historic revitalization, cultural and heritage, in addition to improving the concepts of citizenship, the environment and, above all, encouraging local development.

Keywords: Rural tourism. Family farming. Sustainable rural development. Trail.

INTRODUÇÃO

Turismo rural, agroturismo e ecoturismo são práticas recentes que vêm crescendo bastante, as quais permitem que o visitante fique mais perto da natureza, da cultura e da agricultura local. Traz renda e valoriza o meio rural, promovendo o desenvolvimento da região, e exercendo também uma importante função de conscientização para a preservação do meio ambiente, a fim de manter a qualidade de vida das gerações futuras.

O turismo rural na agricultura familiar é conhecido por ser agradável e cordial, possui variedade de opções de lazer e pluriatividade, que permite revitalização dos negócios familiares, integrando as experiências entre o campo e a cidade, e possibilitando a comercialização de uma gama de produtos sem intermediações, o que aumenta os ganhos e agrega valor aos produtos (Schneider, 2005; Maggi, 2016; Araújo *et al.*, 2017). Dessa maneira, há o almejado incremento financeiro, e, conseqüente, uma melhoria da qualidade de vida uma vez que terão maior acesso a uma diversidade de oportunidades.

Esse tipo de turismo pode ser considerado uma alternativa para agricultores familiares, podendo ser utilizado por eles como renda complementar. Por meio de adequações de instalações e serviços, será possível recepcionar pessoas a fim de oferecer condições para o desfrute de locais e das belezas naturais, que são mais difíceis de serem encontradas na cidade, conforme afirma Araújo *et al.* (2017). Além disso, é possível contribuir para a manutenção de pessoas no meio rural, mitigando os impactos causados pelo êxodo rural, como o inchaço dos grandes meios urbanos e agravamento das favelas.

Muitos dos que procuram o turismo rural, procuram um meio para sair da agitação da cidade em busca de descanso. Essa vertente de turismo tem muito ainda a ser explorado nos mais variados locais, como hotéis-fazenda, cachoeiras, *campings*, trilhas, passeios em parques de preservação, colheita de frutas, fazendas centenárias, passeios equestres etc.

A realização de atividades turísticas no meio rural pode ser um dos meios para solucionar problemas comuns encontrados, como a geração de renda, melhorando as condições gerais de vida da população local e seus arredores, tornando cada vez mais visível e presente esse novo rural, que deve ser incentivado e desenvolvido de maneira apropriada e consciente.

O turismo rural na agricultura familiar encontra algumas limitações para o seu desenvolvimento, pelo fato de ser um assunto novo e não ter vastos materiais bibliográficos que abordam o tema, enfrentando também problemas como a falta de financiamento para esse nicho, bem como técnicos extensionistas mal preparados (Schneider, 2005).

Quando planejado de maneira séria, o turismo rural pode possibilitar à comunidade diversos benefícios, como os mais diversos polos turísticos, redução do êxodo rural, intercâmbio cultural, novas fontes de renda, consciência ecológica, dentre outros. Devem ser ofertados produtos diferenciados, que considerem alguns princípios básicos como: identidade própria, autenticidade, harmonia ambiental, preservação das raízes e divulgação dos costumes (Maggi, 2016).

A agricultura familiar, por sua vez, é um tipo de agricultura praticada em pequenas propriedades do meio rural, as quais agricultores, ribeirinhos e assentados integram. Dependentes de mão-de-obra familiar, são responsáveis pela maior parte da produção de alimentos consumidos no Brasil, que é produzido em uma parcela pequena do território nacional, se comparado a área total usada para agricultura. Absorve a grande maioria da mão de obra rural do país. É uma fonte de renda para as famílias e protagonista no cenário da produção orgânica de alimentos, agregando valor ao produto, produzindo comida de qualidade superior, e garantindo segurança alimentar. Promove a diversificação da produção de alimentos, a sustentabilidade e o respeito ao meio ambiente.

Hoje existem algumas políticas públicas que amparam os agricultores rurais, e grupos/programas que prestam assistência técnica, porém, eles ainda são atingidos por uma grande desigualdade social, e precisam de políticas públicas que se moldem para o turismo rural a fim de atender às suas especificidades. Os programas e políticas públicas necessitam de alcançar o pequeno produtor rural, tanto como uma política eficaz de investimento em infraestrutura, quanto como oportunidades de formação e qualificação em atividades turísticas no meio rural. “Um grupo de ações (eventos de turismo, troca de experiências entre pequenos

produtores etc.) deve colaborar para a criação de um novo cenário, propício ao turismo, nas comunidades e nos assentamentos rurais” (Riva; Flor, 2017, p. 206).

Com a identificação e mapeamento de rotas e trilhas, é possível propor ações para adequá-las ao percurso mais conveniente, passando por locais atrativos, sinalizando o percurso adequadamente, integrando-o a outras rotas para a formação de circuitos, incentivando o turismo, levando conforto ao turista e desenvolvimento para os produtores. Além disso, existe uma grande quantidade de ciclistas que percorrem trilhas pelo município e região, que uma área de cultivo de cana de açúcar, contando com diversas estradas para tráfego na zona rural.

Nesse sentido, é possível utilizar as próprias trilhas existentes, fazendo adequações e desvios necessários, para unir pequenos produtores rurais como pontos de apoio a essas rotas, o que pode vir a gerar renda aos produtores e uma variedade de atrações para possíveis visitantes. Esse tipo de atividade tem se tornado uma tendência e tem trazido benefícios econômicos para regiões vizinhas, uma vez que é possível fazer integração de rotas e formar circuitos.

Para realização do presente estudo, traçou-se como objetivo geral mapear rotas de trilhas para ciclistas, turistas e agricultores familiares da região do Pontal do Triângulo, em especial do município de Iturama-MG.

Como objetivos específicos, buscou-se a) realizar um levantamento patrimonial, histórico, topográfico e de capital humano; b) elaborar rotas turísticas para a região; e c) apontar a necessidade de reparos ou melhorias em infraestrutura, acesso e demais possibilidades.

Como metodologia, classificou-se a pesquisa como exploratória, uma vez que ela tem o objetivo de analisar um problema buscando informações para uma investigação mais aprofundada e descritiva por meio do detalhamento das informações investigadas. Para coletar os dados, foi realizado diagnóstico por meio de mapeamento para conhecimento das rotas, além da consulta de fontes de coleta de dados secundários, visitas *in loco* nas trilhas e reuniões com a Prefeitura Municipal e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. As rotas, primeiro, foram percorridas de forma individual, e, após analisar os trajetos percorridos no mapa, foram sugeridas possíveis integrações entre rotas individuais. Posteriormente, as rotas foram percorridas em sequência para validar se havia ou não a possibilidade de fazer um circuito com elas.

O estudo foi realizado no município de Iturama, localizado no Pontal do Triângulo Mineiro. Iturama possui uma população estimada de 40.101, segundo IBGE (2021), e uma área de 1.404,7 km², conta com clima tropical com estação chuvosa e seca bem definida. O município oferece uma ampla gama de atrativos históricos e naturais que podem ser explorados.

A região se encontra em um polo produtor de cana-de-açúcar, contando com imensa quantidade de estradas de terra que são utilizadas pelos maquinários das usinas atuantes, e que vêm sendo aproveitadas pelos ciclistas locais como percursos.

Dessa maneira, acredita-se que as rotas de trilhas no meio rural possibilitam novos processos de desenvolvimento rural, melhorando tanto a questão da renda, quanto a qualidade de vida das famílias, o que promove também o desenvolvimento rural. Cabe ressaltar ainda que o turismo rural é uma forma pela qual é possível aumentar a renda, bem como a participação no mercado, criando uma receita financeira para uma atividade já presente no meio rural, com a possibilidade de incentivar a criação de um mercado para produtos manufaturados nas propriedades, como itens alimentícios e artesanais, absorvendo o excedente da produção (Ruschmann, 2000).

Turismo rural e as trilhas como alternativa de inserção no mercado local

O turismo rural consiste em um grupo de modalidades e/ou empreendimentos que são desenvolvidos no espaço rural, oferecendo serviços, atividades de acolhimento, transporte, hospedagem, alimentação, lazer, recreação e/ou entretenimento. Por causa dessa ampla definição de turismo rural, deve-se ressaltar que este fica definido como sendo no próprio meio rural, não se limitando a estabelecimentos agropecuários e empreendimentos comerciais que oferecem esses serviços. Os operadores de políticas e os empreendedores rurais ainda necessitam de uma melhor regulamentação das atividades (Schneider, 2005).

No turismo rural, uma das formas observadas é a que os turistas buscam dividir com a família o modo de vivência no meio rural, respeitando e valorizando os patrimônios culturais e naturais. Produtores se apoiam na oferta de serviços de qualidade e produtos de manufatura própria, permitindo uma experiência agradável aos envolvidos (Araújo *et al.*, 2017).

O produtor familiar tem encontrado limitações em sua pequena propriedade para sustento da família devido à dificuldade da obtenção de uma renda digna e aceitável. Nesse sentido, uma opção econômica viável para o agricultor familiar é a diversificação em atividades não agrícolas como o turismo rural. O turismo rural pode incrementar a renda dos produtores rurais por meio de artesanatos, prestação de serviços e comercialização de produtos produzidos na própria propriedade. Ele também ajuda a preservar e valorizar o patrimônio histórico, cultural e natural local, além de outros benefícios para população, como evolução dos serviços públicos ofertados e da infraestrutura.

É necessário identificar as atrações para melhor planejamento das atividades, organizar uma estrutura turística para que ela possa oferecer serviços de qualidade, desde a entrada do visitante até o momento em que ele deixa o local. Vários aspectos, como eletricidade e água própria para o consumo humano, devem ter cuidado especial e periódico, devido a fazerem parte da infraestrutura local, uma vez que são essenciais para o funcionamento correto do estabelecimento (Lima Filho *et al.*, 2007).

O meio rural se refere ao turismo rural como uma prática social corrente dos produtores, por meio de práticas e atividades até então incomuns para os moradores das cidades, que agora passa a ser explorado como atração turística. Devem ser desenvolvidas estratégias para o desenvolvimento rural através do turismo, para que não tenha que tornar em atrações as condições precárias de vida de trabalho dessas pessoas (Froehlich, 2000).

Atualmente tidas como vertentes alternativas, o turismo rural e o cicloturismo vêm ganhando destaque. O cicloturismo, além de se encaixar no contexto de mobilidade sustentável e turismo de experiência, tem se mostrado como uma atividade que permite intercâmbio cultural e possibilita a obtenção de conhecimento de forma dinâmica e divertida. Sendo assim, o cicloturismo e rotas de trilhas se tornam um elemento de atração de turistas e de estruturação dos produtos oferecidos como forma de intercâmbio sociocultural, além da valorização dos cenários naturais e da educação com o meio ambiente. O cicloturismo torna os locais rurais significativos para o turismo, evidenciando as particularidades desses espaços (Sousa; Carvalho, 2021).

No Brasil, o turismo rural possui situações favoráveis para o exercício da atividade, como fauna e flora diversificada, diferentes culturas, geografia, geologia, cenários, além de vários estilos de vida das pessoas residentes no meio rural que fazem do país um grande parque de diversão e distração (Arruda; Vilanova; Chichorro, 2008).

O turismo em zona rural pode ainda ser dividido entre turismo rural e ecoturismo. O turismo rural tem enfoque na valorização da comunidade local e em seu modo de viver, além de seus valores e costumes, deixando muitas vezes a natureza como segunda atração. Ou seja, o turismo em zona rural ocorre no cotidiano das atividades rurais. No caso do ecoturismo, este se define por buscar o contato entre homem e natureza, tendo a natureza como seu principal atrativo. Ecoturismo esse que possui as trilhas ecológicas inseridas com um roteiro e atrações naturais, sendo assim, ele busca disponibilizar atividades, até mesmo citadinas, no ambiente rural, como é o caso de rapel, trilha, caminhadas rurais, entre outras (Portuguez, 2006).

A busca de pessoas da cidade por ambientes naturais tem se tornado mais constante para desenvolver atividades turísticas, para sair da vida cotidiana da cidade grande, em busca de

relaxamento e descanso. A busca desenfreada pelo natural teve aspectos negativos, passando a agredir o meio ambiente, causando problemas quanto à preservação dos recursos naturais. Porém, há várias maneiras de tratar sobre pontos econômicos e sociais do turismo, e acerca da conservação do meio ambiente, por meio da conscientização durante o desenvolvimento da atividade turística. As trilhas ecológicas se encaixam como local onde essas atividades de conscientização ocorrem com os turistas (Ruschmann, 1992).

Administrar e focar na organização para oferecer serviços de qualidade, funcionam como uma força-motriz para o funcionamento da propriedade. O *marketing* de serviços da empresa pode ser feito por meio de um conjunto de atitudes como analisar, planejar, implementar e controlar, para satisfazer a demanda de produtos e serviços, suprimindo a necessidade dos consumidores. O mais importante será a gestão, levando em conta os gostos dos clientes, que julgam por aquilo que o proprietário conseguiu entregar, ressaltando então a importância logística da junção da operação, da gestão de serviços e do *marketing*, como um sistema (Fontes, 2012).

METODOLOGIA

O presente trabalho enquadra-se como uma pesquisa exploratória e descritiva, com o intuito de aprofundar-se e conhecer melhor o tema, além de compilar informações úteis para direcionar o desenvolvimento de etapas essenciais para este trabalho desenvolvido. Sendo assim, foi realizado um mapeamento, bem como a análise do possível processo de implantação de rotas para aproveitar os atrativos turísticos no meio rural. Para isso, foi necessário utilizar e construir diferentes fontes de coleta de dados, por meio de pesquisas, visitas *in loco* das trilhas e parcerias com o IBGE, com a prefeitura e com grupos de ciclistas.

No âmbito do turismo, foi necessário realizar um diagnóstico da região, catalogando pontos históricos, e possíveis novos pontos comerciais (artesanato, alimentação, atividades de lazer e outras diversas) para a criação e implementação de rotas de trilhas rurais, com devida sinalização para utilização pelos trilheiros. Foi observado quais atrativos a região possui, tais como pesca, rios, lagos, cachoeiras, trilhas, cânions, galpões, gastronomia típica, hospedagem, entre outros fatores que poderiam ser oferecidos aos potenciais turistas, a fim de proporcionar um fortalecimento tanto do turismo rural quanto dos produtores rurais em prol do desenvolvimento rural.

Para isso, houve auxílio da Secretaria Municipal de Turismo. O secretário de turismo esteve presente durante as visitas aos percursos das rotas, que foram todas realizados de carro, para mapear com o intuito de observar possíveis obstáculos, as condições dos trechos visitados, atrativos turísticos nos percursos, comunidades de produtores que tivessem algo a oferecer e fazer registros fotográficos. Houve participação direta da Prefeitura Municipal, bem como de instituições como IBGE, secretaria municipal de turismo e demais parceiros potenciais, a fim de proporcionar o maior número de informações para institucionalizar as trilhas.

Sendo assim, as rotas primeiro foram percorridas de forma individual, e após analisar seus trajetos percorridos no mapa, foram analisadas possíveis integrações entre rotas individuais e posteriormente foram percorridas em sequência para validar se havia ou não a possibilidade de fazer um circuito com essas rotas. Os registros fotográficos foram realizados com celular e com auxílio de um computador as rotas foram traçadas pelo *Google Earth*.

No que tange às rotas escolhidas, foram disponibilizados pelo IBGE todas as rotas rurais disponíveis no município de Iturama/MG, rotas essas registradas por meio do último Censo Agropecuário de 2017, disponibilizando as rotas utilizadas para circulação de veículos e pessoas na área rural.

Foram realizadas diversas reuniões tanto com a Secretaria de Turismo como com o agente do IBGE. Para as rotas pesquisadas, foi feito o cruzamento dos dados do IBGE juntamente com os dados fornecidos por ciclistas da sociedade local, por meio do aplicativo *Strava*⁵, que possibilitou mapear as rotas já utilizadas na região, assim como atrações turísticas locais e bancos da terra que pudessem ser incluídos no roteiro, a fim de definir as melhores rotas disponíveis.

Com auxílio da Prefeitura Municipal de Iturama, juntamente com a Secretaria de Turismo, as rotas foram percorridas e os registros fotográficos foram realizados a fim de se observar as condições das trilhas, possíveis obstáculos que bloqueiam a passagem dos transeuntes e regiões próximas que pudessem ser beneficiadas com implemento de trilhas, para viabilizar a instalação da rota.

Posteriormente, as informações e dados levantados ficaram a cargo da Prefeitura Municipal de Iturama para análise das adaptações necessárias, como sinalizações adequadas e desvios das rotas principais já utilizadas para que o percurso abranja regiões que se beneficiarão do turismo. Em etapas futuras, poderão ser realizadas entrevistas com os produtores rurais,

⁵ O *Strava* possibilita traçar rotas percorridas fazendo um mapeamento de todo o trecho. Ele permite monitorar as suas corridas e pedaladas com GPS, participar de desafios, compartilhar fotos de suas atividades e seguir amigos.

trabalhos de fomento e divulgação dos roteiros a fim de chamar a atenção da sociedade como um todo.

A Secretaria de Turismo, juntamente com o IBGE, forneceu informações das estradas de terra da região registradas no último censo, que foram sobrepostas às rotas utilizadas pelos ciclistas por meio de registros do aplicativo *Strava* dos próprios ciclistas.

Com essas informações foi possível identificar as possíveis rotas de maneira mais eficiente em conjunto com a Secretaria de Turismo, estudando alterações nas rotas originais para que pudessem abranger bancos da terra e assentamentos próximos, com intuito de trazer renda a esses agricultores familiares e os tornar locais de apoio aos ciclistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apontamentos sobre as rotas traçadas

Iturama recebeu seu nome dos índios caiapós que habitavam a região, derivado da língua tupi, o nome se refere às cachoeiras encontradas pelas proximidades, conforme informações cedidas pela Prefeitura Municipal. A cidade está localizada no pontal do triângulo mineiro, na região que conta com divisa próxima a outros três estados brasileiros, sendo eles Mato Grosso do Sul, São Paulo e Goiás, segundo IBGE (2021).

Iturama possui uma população estimada de 40.101 habitantes segundo IBGE (2021), e uma área de 1.404,7 km², trazendo uma grande possibilidade de exploração das potencialidades locais juntamente. Ainda conta com clima tropical com estação chuvosa e seca bem definida, temperaturas médias quentes, relevo com aspecto de planícies levemente onduladas e cursos d'água próximos, tornando a região propícia para atividades ao ar livre.

Existe na região de Iturama/MG diversos grupos de interesses, principalmente os que envolvem passeios ciclísticos, corridas e caminhadas os quais podem, em consonância com os agricultores, realizar atividades turísticas, incentivando e colaborando para o desenvolvimento da região. O município oferece uma ampla gama de atrativos históricos e naturais que podem ser explorados, como, por exemplo, “a prainha”, “a cratera”, “a aldeia indígena”, o artesanato local, o Rio Grande, cachoeiras, trilhas e várias comunidades rurais, bancos da terra e assentamentos da reforma agrária.

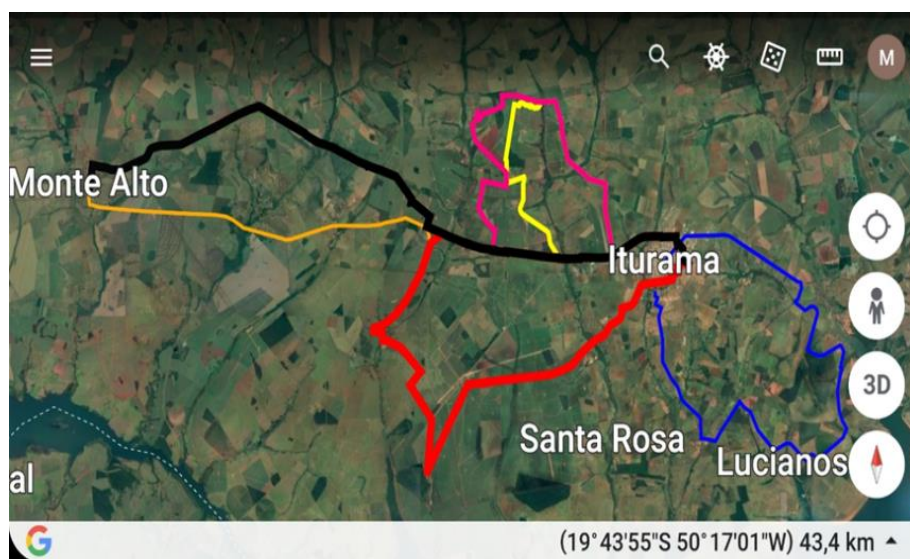
O trabalho visou a mapear rotas e trilhas rurais para ciclismo e caminhadas inicialmente no município de Iturama, com foco no desenvolvimento e integração da região do pontal do triângulo mineiro. Também buscou fazer um diagnóstico da região em parceria com a prefeitura

e ciclistas, catalogando pontos turísticos e possíveis pontos de apoio para implementação dessas rotas de trilhas.

A região se encontra em um polo produtor de cana-de-açúcar, contando com imensa quantidade de estradas de terra que são utilizadas pelos maquinários das usinas atuantes na região, e aproveitadas pelos ciclistas locais como percursos. Os caminhos foram identificados como potenciais por diversos motivos, dentre eles: já serem utilizados pelos próprios ciclistas, possuírem algum ponto de apoio próximo, atrações naturais ou estradas de acesso. Para traçar as trilhas, elas foram percorridas e registradas junto à prefeitura para encontrar problemas e tomar o plano de ação mais adequado.

Com o auxílio do IBGE, escritório de Iturama/MG, e utilizando o aplicativo *Google Earth*, foi possível traçar as rotas consideradas mais promissoras e destacar todas elas em diferentes cores no mapa para melhor visualização, que posteriormente foram percorridas e registradas com o aplicativo *Strava*, conforme Figura 1.

Figura 1 – Rotas traçadas destacadas em diferentes cores



Fonte: Elaboração própria com auxílio do *Google Earth* (2022).

Dessa maneira, foi possível destacar a Rota Preta e Rota Laranja, utilizadas muitas vezes para caminhadas, a Rota Vermelha, que pertence a um espaço utilizado para produzir e escoar cana de açúcar, a Rota Rosa que liga o município ao pequeno aeroporto da cidade, a Rota Amarela que propicia um encurtamento do percurso e a Rota Azul, por meio da qual se chega à beira do Rio Grande, assim chamadas, elas serão descritas ao longo do trabalho.

Rota Preta e Rota Laranja

A região apresenta tradição com caminhadas religiosas que fazem parte de um culturalismo local, que poderia ser beneficiado com a criação de rotas alternativas que evitem a rodovia que traz perigos aos transeuntes e ciclistas. Muitos devotos, e até mesmo pessoas em busca de uma boa caminhada, aceitam esse desafio de aproximadamente 30km de trajeto.

Há partes muito perigosas no trecho assinalado, como, por exemplo, pontes as quais as pessoas precisam obrigatoriamente cruzar, passando por trechos estreitos de acostamento. Mesmo com sinalização por meio de placas na rodovia com avisos de “cuidado, peregrinos na pista”, os carros transitam em alta velocidade, colocando em risco a vida dos devotos. O ideal seriam passarelas paralelas às pontes.

A rota original utilizada por todos os peregrinos adoradores de Santa Rita de Cássia, uma vez que esta é padroeira da cidade, tem seu percurso formado pela primeira metade da Rota Preta, e no ponto de bifurcação, continua o percurso pela Rota Laranja, caminhada essa que ocorre durante todo o mês de maio na região de Iturama para a cidade de Alexandrita, conhecida pela população como Monte Alto, e conta com uma caminhada de aproximadamente 32 km. A segunda metade da Rota Preta é uma rota de terra alternativa à Rota Laranja, mais curta, usada pelos moradores locais como acesso ao município de Alexandrita/MG, que dista cerca de 30km de Iturama/MG.

O trecho que segue a rodovia conta com muitas estradas canavieiras marginais, que servem de auxílio para tentar evitar ao máximo o acostamento da rodovia. Os peregrinos devem sempre utilizar equipamentos de sinalização durante o trajeto, como coletes refletivos e lanternas, para alertar os motoristas distraídos.

Na metade da rota preta, há possibilidade de seguir pela rota laranja que resultará em todo o trajeto da caminhada às margens da rodovia MG-497, tornando esse caminho mais perigoso pelo fato de carros transitarem em alta velocidade e em certos locais não ter passagem adequada para os pedestres, como no caso de algumas pontes, necessitando de adequações feitas pela prefeitura, porém esse trajeto é preferido pelo fato de ser mais curto. Já se o indivíduo optar por continuar pelo caminho preto, haverá um considerável trecho com estradas de terra a partir dali, com menos movimento de tráfego, porém mais longo e que necessita de sinalização via placas para evitar que os pedestres e ciclistas se percam.

O turismo religioso é um atrativo na região. Segundo Pereira *et al.* (2008), o turismo religioso se apresenta como um dos segmentos que mais cresce atualmente no Brasil. Dias (2003, p. 17) classifica o turismo religioso como “aquele empreendido por pessoas que se

deslocam por motivações religiosas e/ou para participarem em eventos de caráter religioso". É possível realizar uma combinação entre o turismo religioso e as propriedades rurais que podem ser observadas ao longo do caminho percorrido, por meio de parceria para apoio e pontos de água para os peregrinos, sendo uma sugestão para possibilidade de desenvolvimento rural.

Rota Vermelha

A Rota Vermelha, conhecida como “Seringueiras” ou “Corredor Boiadeiro”, é frequentemente utilizada por ciclistas ou grupos de ciclistas. Mais uma vez nos deparamos com um trecho às margens da rodovia. É uma rota que pode ser realizada de forma circular e possui um trecho que corta a parte urbana do município, como por ser observado na Figura 2.

Figura 2 – Traçado circular da Rota Vermelha



Fonte: Elaboração própria com auxílio do *Google Earth* (2022).

No quesito apoio ao turista, a rota conta com uma lanchonete denominada Parada de Minas, na rodovia MG-426, no momento que a Rota Vermelha cruza a rodovia. Essa lanchonete é considerada, por diversas vezes, uma parada obrigatória para os ciclistas durante seus passeios.

Além da lanchonete, na ponta mais ao sul da rota vermelha, é possível observar um viveiro de mudas pré-brotadas pertencentes à Usina Coruripe. Nessa altura do caminho, existem pontos de apoio aos turistas materializados por meio de um bebedouro que é utilizado principalmente para encher as garrafas d'água. Há, ainda, locais como plantações de

seringueiras por onde é possível acessar o rio Grande próximo ao viveiro, local muito utilizado pelos ciclistas para tirar fotos.

Esse percurso conta com uma ponte de madeira logo no início da rota na saída sudoeste da cidade, a qual, em épocas com chuvas intensas, fica em condições precárias, havendo relatos de queda da ponte. Porém, felizmente, nenhum incidente com pessoas foi relatado. A ponte passou por uma recuperação há pouco tempo, no entanto, as fortes chuvas recentes estão deixando a ponte em condições de risco.

Grande parte desse percurso é composto por longas estradas a perder de vista, com muitos entroncamentos circundados e sinalizados com pneus pintados de branco. Dessa maneira, é possível afirmar que devido à falta de sinalização, torna-se fácil se perder devido ao alto número de estradas entre canaviais bastante semelhantes, utilizadas principalmente por veículos da Usina Coruripe.

Ainda nesse percurso, em uma das visitas, observou-se que havia uma porteira que estava trancada pouco após a ponte anteriormente citada. Esse fato ocorreu uma vez que a rota vermelha passa por dentro de uma fazenda de criação de gado, necessitando assim que a porteira permaneça fechada. A decisão do fechamento se deu devido ao fato de ter havido casos de ciclistas que deixaram a porteira mal fechada ou aberta, obrigando o proprietário a trancar a porteira. Para facilitar a passagem dos ciclistas, existe uma passarela para bicicletas que fica próxima à porteira supracitada, localizada sobre a cerca para facilitar o trânsito dos ciclistas. Entretanto, ela foi removida, forçando os ciclistas a pularem a cerca ou retornar no caminho que passaram. Segundo relatos de populares, a passarela foi removida porque haviam pessoas que a cruzavam com motocicletas.

Por se tratar de uma rota que circunda a cidade, a rota vermelha é bastante conhecida e frequentada. Entretanto falta apoio municipal no quesito sinalização para que ela se torne mais segura aos turistas. Cabe ressaltar também que, durante o período visitado, as estradas estavam em ótimas condições de conservação, patroladas, cascalhadas e sem buracos. Acredita-se que se deve ao fato de não estar chovendo à época, e principalmente, por apresentar trechos de tráfego de maquinário, onde as condições das estradas devem estar boas para circulação dos caminhões carregados.

Rota Rosa

A Rota Rosa é conhecida como Rota do Aeroporto, uma vez que ela é o caminho usado para chegar até o pequeno aeroporto particular de Iturama. A pista reta que passa ao lado do

aeroporto no início do percurso na saída noroeste da cidade, se percorrida sem fazer a primeira curva à esquerda, leva à cidade de União de Minas por meio de uma estrada de terra, possibilitando a conexão entre as duas cidades vizinhas. É possível acessar essa rota por meio de um posto de gasolina sem que seja necessário utilizar a rodovia, onde há tráfego intenso devido à sua localização geográfica na divisa de 4 estados (Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Goiás e São Paulo).

No início do trajeto pelo aeroporto, que vai até o posto localizado no trevo que leva à divisa com o estado de São Paulo, está o Autoposto Carlitos, um local bastante visitado por ciclistas para lancha anteriormente ou após a atividade física, trazendo mais segurança para as pessoas se o trecho foi percorrido evitando a rodovia.

A Rota Rosa conta também com uma comunidade formada a partir do projeto Banco da Terra que possui enorme potencial para ser explorado, trazendo benefícios para os pequenos produtores locais e para os que utilizam as trilhas.

O projeto Banco da Terra, implantado pela Lei Complementar nº. 93, de 1998, tinha como principal objetivo promover o fortalecimento e desenvolvimento da agricultura familiar. Entretanto, ele foi extinto em fevereiro de 2003 e as famílias beneficiadas deixaram de receber assistência.

Cabe ressaltar que, seja por meio de projetos ou parcerias com a prefeitura, é possível incentivar os moradores das propriedades a realizarem a promoção de encontros, eventos ou até mesmo a servirem água, suco, lanches e almoços aos frequentadores dessa rota.

Entretanto, essa rota também apresentou alguns entraves e dificuldades, tais como falta de sinalização e barreiras promovidas por porteiras fechadas com cadeados trancados, que obrigam os ciclistas a pularem as cercas caso persistam com o roteiro, mais uma vez gerando risco de acidentes.

Rota Amarela

A Rota Amarela faz parte da Rota Rosa, e serve como uma alternativa mais curta para finalizar o percurso mais rápido.

Figura 3 – Traçado circular das Rotas Rosa e Amarela



Fonte: Elaboração própria com auxílio do *Strava* (2022).

É possível optar por percorrer pela Rota Amarela, contando com uma saída antes do Autoposto Carlitos, facilitando para quem procura trajetos mais curtos.

Há interesse de que o caminho seja percorrido em sua extensão total pela Rota Rosa, pois há um banco da terra que possui inúmeros produtores rurais. Sendo assim a Rota Amarela se destaca apenas por encurtar um trajeto.

Rota Azul

A Rota Azul é uma rota de aproximadamente 32km, conhecida como “Prainha” pelo fato de passar nas proximidades da Prainha Municipal de Iturama, às margens do Rio Grande. A prainha é um local de visitação de diversas pessoas que vão confraternizar durante o dia e se refrescar nos muitos dias de calor em Iturama. O local conta com uma lanchonete que fica aberta nos finais de semana, mas poucos sabem que está em funcionamento ou como chegar nela. Há grande espaço disponibilizado para estacionamento de veículos e há também diversos quiosques nos quais é possível realizar confraternizações com familiares e amigos para um churrasco, por exemplo.

Em fevereiro de 2019, conforme dados cedidos pela Prefeitura Municipal, houve a reinauguração da Prainha que passou por revitalização e ganhou uma série de benfeitorias, tais como novas telhas para os quiosques e lanchonete, recuperação de calçadas e meios fios, nivelamento e encascalhamento da Avenida, troca de bomba de água, colocação de torneiras nos quiosques em que estavam destruídas, poda das árvores, gramas e a limpeza geral do local, porém o local já se encontra novamente em situação de abandono.

Para chegar à Prainha, inicia-se o trajeto por uma estrada de terra, que passa por um complexo de ranchos onde podem ser achados futuros parceiros para o projeto. A Rota Azul conta também com um trecho que passa por meio de um pasto, próximo a saída sul da cidade, em que há gado solto sem cercas de contenção, podendo gerar conflitos entre animais e ciclistas.

A Rota da Prainha pela saída leste da cidade conta com um pequeno trecho pela beira da rodovia que possui acostamento reduzido, gerando riscos principalmente para os ciclistas ao serem ultrapassados por caminhões, o que evidencia a necessidade de adequações nos acostamentos.

Figura 4 – Traçado circular da Rota Azul (prainha)



Fonte: Elaboração própria com auxílio do *Strava* (2022).

Nesse sentido, para poder ser difundida e atrair mais visitantes, a Rota Azul necessita de melhorias. No dia da visita, em janeiro de 2023, ela encontrava-se sem sinalização, com muitas bifurcações e com necessidade de melhorias das estradas. Também foram registradas placas quebradas ou apagadas, bem como muito lixo jogado pelo caminho, por ambas as saídas. Lixo que pode atrair animais ou danificar as bicicletas ocasionando acidentes, além de deixar o local com uma aparência desagradável. Foi necessário usar um instrumento de navegação com GPS para chegar ao local da prainha.

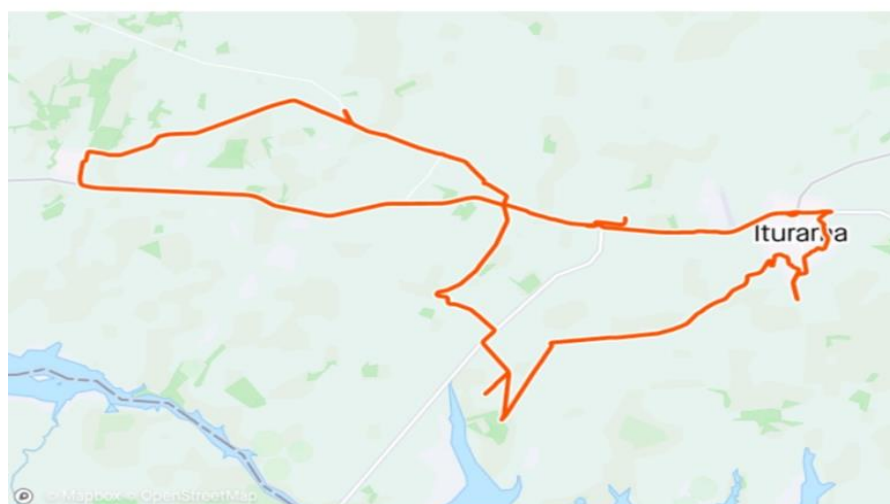
Ressaltando especificamente a entrada da Prainha, ela estava em estado de depredação, com vidraças quebradas, sem segurança e sem fiscalização, pois o posto de segurança estava desativado e com intensos sinais de abandono. Outro fator que chamou atenção é o fato de não haver instruções quanto à profundidade do rio no local, por ser utilizado para banho, inclusive de crianças, o que pode gerar acidentes. Na prainha também não havia seguranças ou corpo de bombeiros que pudessem prevenir acidentes como afogamentos no local.

Essa rota tem grande potencial para ser desenvolvida, principalmente pelo fato de contar com os ranchos no local e com a estrutura montada para receber turistas em beira rio. Entretanto, necessita de melhor sinalização, infraestrutura e segurança para o seu desenvolvimento.

Convergência das Rotas traçadas

A primeira metade da rota preta, às margens da rodovia, pode ser evitada utilizando a Rota Vermelha. Na rota preta, a sua primeira metade poderia ser substituída pelo trecho de terra da rota vermelha, alternativa para ciclistas que não desejam andar na primeira metade do trecho preto às margens da rodovia durante a peregrinação de Santa Rita. A segunda metade da rota preta forma um circuito alternativo à rota laranja.

Figura 5 – Integração das Rotas Vermelha, Laranja e Preta



Fonte: Elaboração própria com auxílio do *Strava* (2022).

Devido ao aumento considerável de distância pelo trecho vermelho, será difícil pedestres optarem por ele, mas se torna viável para ciclistas. A sua segunda metade da rota preta pode ser utilizada como rota alternativa para o trecho amarelo, para que seja evitada a rodovia pelos pedestres, reduzindo risco de acidentes, sendo que esse trecho já é utilizado como acesso de terra à cidade de Alexandrita. Dessa forma os pedestres não possuem escolha senão percorrer a primeira metade do percurso pelo trecho preto.

A rota azul e a rota rosa podem formar um circuito que passa por dentro da cidade, totalizando em um trajeto de aproximadamente 62 km, aumentando o nível do desafio para ciclistas experientes. Também traz a oportunidade de utilizar a cidade para reabastecer os

recursos dos ciclistas, uma vez que é necessário cruzar a cidade para ir da Rota Azul para a Rosa.

Figura 6 – Integração das Rotas Rosa e Azul



Fonte: Elaboração própria com auxílio do *Strava* (2022).

O circuito Rosa também permite que ciclistas venham de União de Minas por uma via de terra para aproveitar a Prainha, reduzindo riscos às margens da rodovia e encurtando o caminho União-Iturama.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudos acerca do meio rural, principalmente sobre novas maneiras de organização e distribuição referentes a esses locais, são uma tendência nos mais variados ramos de pesquisa, sendo eles para apresentação de políticas para o local, formas de cultivo e manejo, que sejam capazes de proporcionar melhora da qualidade de vida, além de possibilitar informação e comunicação dos agricultores familiares.

O Brasil possui um grande potencial turístico comparado com a maioria dos países do mundo, porém ainda é pouco explorado. Possui uma vasta região, sendo o quinto maior país do planeta com 8,5 milhões de km² e o maior país da América do Sul, fazendo fronteira com 10 países distintos, também apresenta uma diversa variedade de biomas, com infinita riqueza de fauna e flora. Possui uma extensa costa litorânea, e grande variedade de cursos d'água que apresentam potencial a ser explorado, o que representa 12% da água doce disponível no mundo (Embratur, 2014).

Desta maneira, o meio rural traz agregado a si uma variedade de atrativos turísticos, sejam eles culturais/gastronômicos ou naturais. Há diversos métodos para melhorar as condições da população rural local, mas para isso é necessário que os produtores tenham uma visão ampla e geral do ambiente, observando de forma sistêmica para que visualizem novas oportunidades. Então, é preciso uma organização de forma metódica e cautelosa, levando em consideração pontos fortes e fracos, para que as oportunidades não passem despercebidas.

As rotas mapeadas se mostraram bastante promissoras, com muitas outras rotas não mapeadas, mas com potencial de serem desenvolvidas na região. Entretanto, os problemas encontrados foram, principalmente, a falta de sinalização das rotas, com ressalva para as boas condições das estradas canavieiras, trechos inadequados para trânsito de pessoas às margens da rodovia, porteiros fechadas em propriedades particulares que forçam os ciclistas a pular as cercas, pontes na rodovia com ausência de locais para travessia fora da pista, lixo nas rotas, e animais como bovinos e cachorros soltos nas propriedades próximas às rotas podendo ocasionar acidentes.

Como sugestão, o desenvolvimento das rotas envolve adequação desses trechos e sinalizações, divulgação das trilhas e contato com produtores próximos às trilhas. Essas rotas necessitam da participação ativa da prefeitura para suas adequações, uma vez que são de sua responsabilidade, e apenas eles possuem verba e equipamento para fazer o que for necessário.

Em conjunto ao desenvolvimento por meio do turismo, para que os agricultores familiares tenham possibilidade de oferecer algo atrativo, é necessário conversar e instruir os agricultores sobre formas de recepção, produtos que possam ser oferecidos, assim como maneiras de utilizar alimentos de origem das propriedades que serão oferecidos aos turistas. A proposta vai ao encontro da necessidade de desenvolvimento dos agricultores familiares e das futuras intenções para a pluriatividade, uma vez que é de suma importância a criação de canais de comercialização e mercados para a agricultura familiar.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Q. R. *et al.* (org.). **Turismo no espaço rural**: trilha interpretativa da agricultura familiar do Rio de Engenho. Ilhéus: MAPA/Ceplac, 2017. Disponível em: <https://www.bahiaater.sdr.ba.gov.br/documentos/turismo-no-espaco-rural-trilha-interpretativa-da-agricultura-familiar-no-rio-do-engenho>. Acesso em: 19 nov. 2023.

ARRUDA, C. A. S.; VILANOVA, S. R. F.; CHICHORRO, J. F. Turismo rural e agricultura familiar: o caso de Nossa Senhora do Livramento-MT. **Interações**, Campo Grande, v. 9, n. 2, p. 149-157, 2008. DOI 10.1590/S1518-70122008000200004. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/inter/a/HT46kbGxLpmvDPZ9WzrHGHC/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 19 nov. 2023.

BRASIL. **Censo Agropecuário 2006**: Agricultura Familiar Primeiros Resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.

BRASIL. **Censo Agropecuário 2017**: Resultados preliminares. 2017. Disponível em: <https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/>. Acesso em: 8 jan. 2024.

BRASIL. **Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006**. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Brasília, DF, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2006/lei/111326.htm. Acesso em: 10 dez. 2023.

DIAS, R.; SILVEIRA, E. J. S. (org.). **Turismo religioso**: ensaios e reflexões. Campinas: Alínea, 2003.

EMBRATUR. **Turismo rural**. Brasília: EMBRATUR, 2014. Disponível em: <https://embratur.com.br/>. Acesso em: 15 maio 2024.

FONTES, F. P. *et al.* Turismo rural e estratégias de marketing: uma análise de sites de empresas do segmento. **Pubvet**, Maringá, v. 6, n. 29, p. 1-8, 2012. Disponível em: <https://ojs.pubvet.com.br/index.php/revista/article/view/1957>. Acesso em: 19 nov. 2023.

FROEHLICH, J. M. Turismo rural e agricultura familiar: explorando (criticamente) o cruzamento de abordagens e estratégias para o desenvolvimento. *In*: ALMEIDA, J. A.;

HESPANHOL, A. N. O desenvolvimento do campo no Brasil. **Geografia agrária**: teoria e poder, v. 1, 2007. p. 272-288.

IBGE. Cidades e Estados. Iturama. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/iturama.html>. Acesso em: 15 maio 2024.

LANE, B. Turismo Rural de Segunda Geração: prioridades e questões de pesquisa. *In*: CRISTOVÃO, A. *et al.* (org.). **Turismo rural em tempos de novas ruralidades**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2014. p. 15-48.

LIMA FILHO, D. O. *et al.* O turismo rural como alternativa econômica para a pequena propriedade rural no Brasil. **Turismo-Visão e Ação**, Balneário Camboriú, v. 9, n. 1, p. 69-81, 2007. DOI 10.14210/rtva.v9n1.p69-82. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rtva/article/view/221>. Acesso em: 25 nov. 2023.

MAGGI, G. R. **Estudo da Viabilidade do projeto do Turismo Rural como alternativa de renda para a agricultura familiar no município de Diamante D'oeste PR**. 2016. 102 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural Sustentável) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2016. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/1512>. Acesso em: 25 nov. 2023.

PEREIRA, T. M. *et al.* Turismo religioso: análises e tendências. *In*: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 5., 2008, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UNA, 2008. p. 1-13.

PORTUGUEZ, A. P. (org.). **Turismo no espaço rural**: enfoques e perspectivas. São Paulo: Roca, 2006.

RIEDL, M. (org.). **Turismo rural**: ecologia, lazer e desenvolvimento. Bauru: EDUSC, 2000. p. 181-197.

RIVA, G.; BERTOLINI, G. R. F. Perspectiva do Turismo Rural como Alternativa de Renda para Agricultura Familiar: Análise de Trabalhos Científicos. **Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, v. 15, n. 38, p. 197-227, 2017. DOI 0.21527/2237-6453.2017.38.197-227. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/4319>. Acesso em: 25 nov. 2023.

RUSCHMANN, D. M. A experiência do turismo ecológico no Brasil: um novo nicho de mercado ou um esforço para atingir a sustentabilidade. **Turismo-Visão e Ação**, Balneário Camboriú, v. 2, n. 5, p. 81-90, 2000. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rtva/article/view/1182>. Acesso em: 25 nov. 2023.

RUSCHMANN, D. M. Turismo sustentado para preservação do patrimônio ambiental. **Turismo e Análise**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 42-50, 1992. DOI 10.11606/issn.1984-4867.v3i1p42-50. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/64143>. Acesso em: 25 nov. 2023.

SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar**. 2. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SCHNEIDER, S. **Agricultura familiar e campesinato**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2012.

SCHNEIDER, S. Turismo em comunidades rurais: inclusão social por meio de atividades não agrícolas. In: BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO (org.). **Diálogos do Turismo**: uma viagem de inclusão. Rio de Janeiro: IBAM, 2005. p. 264-293.

SOUSA, R. O. C.; CARVALHO, K. D. Cicloturismo como promotor do desenvolvimento de áreas rurais: Possibilidades na região do Baixo Parnaíba Maranhense. **Turismo: Visão e Ação**, Balneário Camboriú, v. 23, n. 2, p. 329-349, 2021. DOI 10.14210/rtva.v23n2.p329-349. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tva/a/Z3xBX7DSkTJvVg8rWL9vpQH/#>. Acesso em: 25 nov. 2023.

Submetido em 13 de março de 2024

Aprovado em 7 de junho de 2024.